

SOBRE A DESCRIÇÃO DAS DIMENSÕES SEMÂNTICAS E PRAGMÁTICAS DO DIMINUTIVO EM PORTUGUÊS

Virpi Johanna Turunen é Mestre em Tradução de francês e finlandês pela Universidade de Turku, Finlândia, e doutoranda em Estudos de Linguagem pela PUC-Rio. Atualmente realiza sua tese de doutorado sobre o diminutivo na língua portuguesa. Contato: virpi_t@yahoo.com

RESUMO

A formação de diminutivos pelo sufixo *-inho* é um processo morfológico muito produtivo na língua portuguesa. No entanto, o tratamento que esse processo tem recebido na tradição gramatical e teórica não faz justiça ao seu potencial de significação. As abordagens teóricas se limitam a definições reducionistas, considerando o valor semântico de redução de dimensão da entidade referente como o significado mais importante. No entanto, o diminutivo apresenta uma grande variedade de funções pragmáticas além do seu valor semântico de diminuição concreta, e uma formulação do tipo "pequeno X" não faz justiça a essa abrangência pragmática e discursiva. Em alguns trabalhos recentes, a relevância da dimensão pragmática na análise do diminutivo é reconhecida e tratada de forma mais analítica. Por exemplo, Dressler & Barbaresi (1994), Delhay (1996) e Fradin (2003) trazem contribuições teóricas significantes para a descrição da categoria do diminutivo independentemente da língua em questão. No tocante do diminutivo na língua portuguesa, Basílio (2004), Alves (2006) e Rocha (2003) se destacam entre abordagens que reconhecem a relevância da dimensão pragmática para a descrição e contribuem para o entendimento da interface entre as dimensões semântica e pragmática na análise. Neste trabalho, avaliamos a contribuição das propostas dos autores citados para a descrição do processo de formação de diminutivos na língua portuguesa.

ABSTRACT

The diminutive formation by the addition of the suffix *-inho* is a very productive morphological process in Portuguese. However, the way this process has been treated in the grammatical tradition does not reflect its full potential of meaning. The theoretical approaches offer all too limited definitions of diminutive formation, considering the semantic value of reduction of the dimensions of the referent of the base word as the most important aspect of the process. However, the diminutive formed by *-inho* shows a great variety of pragmatic functions in addition to the semantic value of concrete diminution. Therefore, formulations such as "small X" do not make justice to the pragmatic and discursive dimensions of the process. In some recent studies, the importance of the inclusion of the pragmatic dimension in the analysis has been recognized and treated in a more analytic way. For example, the theoretical contributions of Dressler & Barbaresi (1994), Delhay (1996) and Fradin (2003) are significant to the description of the diminutive category in a language-independent way. When it comes to the diminutive formation in Portuguese, Basílio (2004), Alves (2006) and Rocha (2003) stand out among the approaches that recognize the importance of the pragmatic dimension in the description, contributing to the understanding of the interface between the semantic and pragmatic dimensions of the analysis. The objective of this paper is to evaluate the cited authors' contributions to the description of diminutive formation in Portuguese.

1. Introdução

Em português, a formação de diminutivos por sufixação é uma operação morfológica muito produtiva. Como diz Teyssier (1989, 91), “*Os diminutivos (sobretudo -inho, -zinho) encontram-se a cada passo na linguagem familiar de Portugal e do Brasil*”. O sufixo diminutivo modifica a palavra-base podendo acrescentar uma variedade de noções além da diminuição, por exemplo, atenuação e afetividade, e essas formações são usadas por falantes de português com bastante criatividade. Entretanto, as gramáticas da língua portuguesa apresentam definições bastante reducionistas frente à complexidade dessa categoria. Em muitos casos, a abordagem das gramáticas não passa de uma repetição dos conceitos herdados da gramática greco-latina. Seguindo a tradição normativa, as gramáticas, compêndios e manuais da língua portuguesa, se preocupam em oferecer listas exaustivas de sufixos diminutivos sem muito detalhamento sobre os aspectos semânticos, muito menos pragmáticos, ou sobre a produtividade dos elementos. O diminutivo é geralmente definido em termos de grau nominal, como uma forma de uma palavra X cujo significado básico pode ser parafraseado por ‘pequeno X’. Quando as gramáticas comentam sobre os outros valores, como valores afetivos, pejorativos, apreciativos etc., elas os tratam, implícita ou explicitamente, como secundários.

Evidentemente, a partir de definições reducionistas como as adotadas pelas gramáticas e reproduzidas nas pesquisas sobre o diminutivo de forma geral, a maioria dos dados empíricos não cabe sob o rótulo ‘diminutivo’. Um dos maiores problemas detectados nas propostas teóricas é o tratamento limitado do significado e das funções que o diminutivo pode exercer: quando os outros significados além da diminuição não são completamente ignorados, observa-se uma tendência de tratar do sufixo diminutivo como um sufixo polissêmico, deixando de lado as suas dimensões pragmáticas. No entanto, a nosso ver, uma das questões mais fundamentais e interessantes ligadas ao diminutivo é justamente a capacidade dessas formações de manifestar uma variedade de funções pragmáticas e discursivas. A introdução da noção de ‘função’ na análise sobre o diminutivo significa sair do plano semântico e entrar na dimensão pragmática da análise. É claro que se deve perguntar se é possível ou até mesmo desejável tentar separar os campos de semântica e de pragmática na análise linguística. Apesar de reconhecermos a dificuldade de delineamento de fronteiras nítidas entre os planos de semântica e de pragmática, dado o inevitável entrelaçamento entre essas duas dimensões, acreditamos que, para os fins descritivos do diminutivo na língua portuguesa, a distinção seja uma abstração analítica útil para ilustrar o quão limitado seria um tratamento do conceito do diminutivo em termos puramente semânticos, sem levar em consideração a sua dimensão pragmática.

Neste trabalho, apresentaremos tratamentos teóricos recentes sobre as questões ligadas ao potencial de significação do diminutivo, e avaliamos a relevância desses tratamentos no caso do diminutivo em português. Dada a importância do sufixo -inho como o único sufixo formador de diminutivos verdadeiramente produtivo no português do Brasil atual, limitar-nos-emos aos diminutivos formados por este sufixo.

2. Diminutivo e significado: possíveis caminhos para a descrição dos valores e funções do diminutivo

Quando saímos do âmbito das gramáticas tradicionais, podemos encontrar abordagens que reconhecem, pelo menos até um certo ponto, o potencial de

significação do diminutivo. Observaremos algumas propostas descritivas para o diminutivo nas quais a questão do significado e das funções que ele pode apresentar é tratada de forma mais detalhada. Entre os trabalhos recentes no tocante à complexidade semântica e pragmática do diminutivo merecem atenção especial os trabalhos de Dressler & Barbaresi (1994), Delhay (1996) e Fradin (2003).

2.1. Proposta morfopragmática de Dressler & Barbaresi (1994)

O estudo de Dressler & Barbaresi (1994) sobre as formações diminutivas em italiano, alemão e inglês se destaca entre os trabalhos que reconhecem a relevância da dimensão pragmática do diminutivo. Dressler & Barbaresi (1994, 50) observam que a interdependência da morfologia e pragmática é raramente investigada de maneira sistemática na lingüística e introduzem o campo de **morfopragmática** como o campo de pesquisa onde essa interdependência pode vir a ser examinada. No seu estudo, os autores observam que o significado dos diminutivos não pode ser atribuído somente à dimensão semântica, mas deve ser considerado como um conceito mais global, no qual aspectos pragmáticos e semânticos podem ser observados (1994, 583). Dressler & Barbaresi salientam que os afixos avaliativos não exibem valor semântico estável: o significado desses instrumentos morfológicos parece ser primariamente situado na pragmática (1994, 1). Os autores reconhecem a impossibilidade de definir fronteiras nítidas e fixas entre semântica e pragmática, mas, apesar disso, defendem a legitimidade da diferenciação entre os significados morfossemânticos e morfopragmáticos e a possibilidade de tratar essas duas dimensões do significado como disciplinas separadas, que se completam e enriquecem (1994, 84). A morfossemântica lidaria com os significados estruturais dos morfemas e a morfopragmática com a maneira como os interpretantes sistemática e estrategicamente criam significados pragmáticos em co-textos e contextos (1994, 29).

Na prática da análise lingüística, a dimensão semântica do significado diria respeito àquela parte do significado que resta quando as variáveis pragmáticas são mantidas fixas na idealização do analista (1994, 4). Na abordagem de Dressler & Barbaresi, as variáveis pragmáticas mais importantes são a situação de fala e o evento de fala. O primeiro consiste dos papéis dos participantes (*participant roles*), do lugar, da hora e das configurações gerais da comunicação, e dos meios convencionais de comunicação verbal e não-verbal. O segundo consiste das ações e interações verbais e não-verbais dos participantes. Sendo assim, para Dressler & Barbaresi (1994, 55), a morfossemântica pode ser definida como aquela área de estudo que lida com os significados das regras morfológicas, ou seja, com mudança semântica regular, denotativa ou conotativa, entre os dados de entrada e saída das regras derivacionais e flexionais. Quando o objeto de estudo fica na esfera da morfossemântica, todas as variáveis pragmáticas como situações de fala, atos de fala e estratégias dos falantes e dos interlocutores, podem ser ignoradas. Assim, com a dimensão semântica definida, a pragmática envolveria toda aquela área que lida com os aspectos do significado determinados pela introdução dessas variáveis.

Para Dressler & Barbaresi (1994, 123), também as bases podem dar pistas sobre a interpretação semântica ou pragmática de uma formação diminutiva. Uma alteração puramente semântica parece ser possível apenas para bases que denotam entidades cuja dimensão pode ser alterada. Quando o significado de uma base não parece admitir diminuição em quantidade ou qualidade, como acontece, por exemplo, com palavras denotando medidas (*ano* – *aninho*) ou parentesco (*pai* –

paizinho), devemos analisar o significado da formação diminutiva no plano pragmático.

A abordagem de Dressler & Barbaresi (1994, 153) salienta a natureza **avaliativa** do diminutivo: o diminutivo expressa uma avaliação ou um julgamento em relação ao "valor" (em contraste ao "fato"), conforme as intenções, perspectiva e padrões do avaliador. Avaliações são inerentemente subjetivas, dado que expressam uma atitude do falante em relação a um objeto ou um evento. Dado que o ato de avaliação é normalmente seguido pela aprovação ou rejeição, explícita ou implícita, por parte do(s) interlocutor(es), a enunciação de uma avaliação é sempre arriscada. O falante tem várias maneiras de minimizar o risco de rejeição, e, para Dressler & Barbaresi, uma das estratégias é justamente o uso de uma forma diminutiva. Através da aplicação da regra de formação de diminutivos ao ato de fala em questão, o falante pode modificar a avaliação de maneira a deixar de ser inteiramente responsável sobre o conteúdo da sua enunciação. Para Dressler & Barbaresi, todas as ocorrências do diminutivo poderiam ser analisadas a partir de um traço subjacente [não-sério], o que seria o significado pragmático inerente à regra morfológica de formação de diminutivos (1994, 576). Os diferentes efeitos pragmáticos causados pelo diminutivo seriam analisados como ocorrências de alterações na força ilocucionária do ato de fala em questão através da aplicação do traço [não-sério].

Acreditamos que a proposta de Dressler & Barbaresi tem vários pontos e méritos que podem ser aproveitados na descrição do diminutivo na língua portuguesa. O tratamento inusitado da conexão entre a morfologia e a pragmática é de grande valor para uma pesquisa que aposta na importância da dimensão pragmática na descrição do diminutivo. Entretanto, a estipulação de um único traço subjacente, a partir do qual todas as ocorrências do diminutivo poderiam ser derivadas, nos parece uma tentativa arriscada. Temos uma certa ressalva em relação à utilidade descritiva desse tipo de abordagem. A apresentação de todas as manifestações semânticas e pragmáticas do diminutivo como derivadas de um único traço subjacente envolve muita especulação sobre uma suposta origem ou essência do diminutivo. Podemos nos perguntar que finalidade tem esse tipo de descrição se tudo se baseia na especulação da existência de algum tipo de traço subjacente. Alguns autores propõem o traço [criança] como a "origem" do diminutivo (Jurafsky 1996), outros o traço [pequeno] (Bazzanella-Caffi-Sbisà 1991, apud Dressler & Barbaresi 1994, 150). Como vimos, para Dressler & Barbaresi esse traço subjacente seria o traço [não-sério].

Apresentamos, a seguir, um outro tipo de abordagem à variedade semântica e pragmática das formações diminutivas: os modelos multipolares, baseados no modelo radial de Lakoff (1987).

2.2. Modelos multipolares de Delhay (1996) e Fradin (2003)

Uma abordagem alternativa à descrição da multiplicidade semântica e pragmática do diminutivo é a apresentação dos seus valores em um modelo multipolar. Observaremos brevemente alguns pontos dos modelos multipolares elaborados para o diminutivo na língua francesa por Delhay (1996) e Fradin (2003).

Delhay, na sua tese de doutorado sobre o diminutivo em francês, publicada em 1996, critica os critérios geralmente usados para definir o diminutivo. Segundo a autora (1996, 137), a categoria 'diminutivo' é sempre definida hipertrofiando um dos seus valores, quer o valor de diminutivo quantitativo, quer o valor de diminutivo qualitativo, chegando-se, assim, a uma definição "denotativa" ou "conotativa" do significado do diminutivo. Tradicionalmente, os valores qualitativos ou conotativos são considerados como uma extensão, ou até uma degradação dos

valores puramente quantitativos. Para Delhay (1996, 138), o estudo da categoria 'diminutivo' mereceria ser livrado dessa "metáfora biológica" da evolução do sentido. A autora procura unificar os diversos fenômenos ligados à categoria 'diminutivo', organizando-os em um modelo multipolar. No seu modelo, Delhay (1996, 140) distingue entre três pólos: pólo **diminutivo**, pólo **relacional** e pólo **enunciativo**. Nessa divisão, o pólo diminutivo engloba todos os valores que podem ser parafraçados com "pequeno X" ou "um pouco de X". O pólo relacional engloba os derivados que têm uma relação de qualidade com a base (similaridade, cor etc.). O pólo enunciativo engloba os diminutivos hipocorísticos e aqueles cuja interpretação é conotativa. Delhay (1996, 144) rejeita a idéia de uma significação única da categoria diminutiva e propõe um modelo prototípico, na linha de Rosch (1978) e Lakoff (1987). Segundo a autora, na língua francesa a categoria dos diminutivos se organiza em torno de um 'protótipo', ou seja, do diminutivo de um nome comum, definido por uma forma (em francês, na maioria das vezes, pelo sufixo *-et(te)*) e por um sentido (uma paráfrase do tipo "pequeno X" ou "pequeno Y em relação a X").

A proposta multipolar de Delhay é bastante interessante, mas a definição dos pólos não nos parece satisfatoriamente elaborada. Por exemplo, a definição do pólo relacional englobando todos os derivados que simplesmente têm uma relação de qualidade com uma base X, parece bastante vaga. Para avaliar a possibilidade de utilização de um tratamento multipolar do diminutivo em português, a proposta de Delhay precisa ser elaborada com mais detalhes. Nesse sentido, o modelo de Fradin (2003) parece um pouco mais organizado. O modelo que Fradin propõe para classificar as formas diminutivas da língua francesa é, também, multipolar, porém de modo diferente do modelo de Delhay. Segundo a hipótese de Fradin (2003, 60), a categoria 'diminutivo' se organiza potencialmente em torno dos seguintes pólos: pólo **referente**, pólo **locutor** e pólo **interlocutor**. Nesse sistema de três pólos, o pólo referente marca uma diminuição de grau de uma propriedade associada ao referente. O pólo locutor engloba todas as situações onde o diminutivo não diz respeito a uma propriedade do referente, mas à relação entre o enunciatador e o referente. O que fica "diminuído" é a distância entre o locutor e o referente. Por último, o pólo interlocutor engloba as situações onde o diminutivo opera sobre a relação do locutor e o seu interlocutor. Nesse último caso, a forma diminutiva trata da relação entre os participantes do ato de linguagem, em vez de um objeto do mundo, apresentando, segundo Fradin (2003, 60), efeitos "puramente pragmáticos", ausentes nos outros pólos. Com o pólo interlocutor, Fradin introduz, em termos explícitos, a dimensão pragmática no seu modelo. Na verdade, a nosso ver, muitas das ocorrências atribuídas ao pólo locutor também podem ser de natureza pragmática. Apesar disso, a proposta de Fradin é promissora, e uma tentativa da sua aplicação em português poderia ser interessante. Além de reconhecer o funcionamento do diminutivo em vários tipos de relações do falante com as outras instâncias da situação de fala, e da introdução da dimensão pragmática no modelo, a proposta de Fradin ainda tem a vantagem de descrever em um só modelo a possibilidade de várias interpretações simultâneas imputáveis a um só sufixo (por exemplo, tamanho e afeto): o acúmulo de interpretações se faria sempre entre significações pertencentes a pólos diferentes, e a cada pólo seriam associadas interpretações semânticas e pragmáticas diferenciadas.

O ponto em comum entre as abordagens de Delhay e de Fradin é a organização dos diminutivos em um modelo radial, introduzido por Lakoff (1987). O modelo radial tem como objetivo fornecer uma descrição de uma rede polissêmica que esteja racionalizada e baseada em princípios, apresentando assim um bom ponto de partida para uma categorização mais pertinente. Um modelo radial é uma representação gráfica de uma categoria polissêmica, compreendendo um sentido

central de um protótipo e extensões conceptuais, representadas por uma rede de nós e ligações (Jurafsky 1996, 542). Este tipo de modelo fornece um meio de dar conta tanto da multiplicidade das significações atestadas quanto da unicidade do fenômeno. Segundo Jurafsky (1996, 533), uma categoria radial apresenta um tipo de polissemia estruturada que explicitamente modela os sentidos diferentes do diminutivo e as relações metafóricas e inferenciais que os conectam. Uma das vantagens desse modelo é justamente a sua capacidade de dar conta dos sentidos variados e contraditórios do diminutivo e de explicitar as diferentes relações entre esses sentidos através de mecanismos de mudança semântica (metáfora, abstração e inferência).

Em resumo, acreditamos que a idéia de polissemia estruturada em geral, e a categoria radial em particular, pode fornecer uma solução interessante para a descrição da variedade dos valores e funções apresentada pelo diminutivo *-inho* em português. O modelo radial oferece uma solução para vários problemas inerentes às outras abordagens à polissemia. Por exemplo, considerando as metáforas e inferências que conectam os diferentes sentidos do diminutivo, podemos apontar motivações entre os sentidos, evitando assim a vagueza das posições abstracionistas, que pressupõem uma estrutura abstrata geral como o sentido básico. Mais importante ainda, a idéia de modelo radial pode ser aproveitada para incluir não só a dimensão semântica, mas também a dimensão pragmática na representação do diminutivo por categoria radial, o que é, como vimos, uma questão crucial no caso do diminutivo.

3. Abordagens em português: Basílio (2004), Alves (2006) e Rocha (2003)

Entre os estudos recentes sobre o diminutivo na língua portuguesa, alguns trabalhos se destacam por tratarem da questão dos valores semânticos e pragmáticos em termos mais explícitos. Entre tais estudos, consideramos especialmente interessantes as abordagens de Basílio (2004), Alves (2006) e Rocha (2003).

Basílio (2004) reconhece a complexidade do diminutivo na língua portuguesa e a sua capacidade de operar tanto na esfera semântica quanto na pragmática. Através de uma série de exemplos do diminutivo em uso, Basílio (2004, 70-71) ilustra os vários tipos de valores e funções que o diminutivo pode ter no português do dia-a-dia. Por um lado, o diminutivo tem a sua função de diminuição concreta de tamanho, por exemplo¹: "*Eram duas caixas, com vinte ovinhos de chocolate cada.*" As ocorrências de diminuição concreta, ou seja, do diminutivo operando no plano semântico, são contrastadas com os casos da diminuição avaliativa. Os exemplos como "*Mas era um chocolatinho bem ralo*" ilustram bem essa possibilidade de abrangência maior do sufixo *-inho*: nesse exemplo, a formação diminutiva veicula um tom depreciativo, deixando evidente a avaliação do falante em respeito ao referente. Nesse caso, já saímos da esfera da semântica, dado que a análise do diminutivo requer a introdução de variáveis de ordem pragmática.

Além da divisão básica entre a diminuição do tamanho e a diminuição avaliativa, Basílio (2004, 70) chama atenção para a distinção entre a "função denotativa" e a "função expressiva" do diminutivo. A função denotativa (denominadora) do diminutivo pode ser observada nos exemplos como *cafezinho*, *tesourinha*, *salgadinho*, *colherinha*. Nesses casos, temos um referente denotado como caracteristicamente pequeno: as formações derivadas apresentam um significado diferente da palavra-base, mas ao mesmo tempo compatível com o valor do diminutivo. A partir dos exemplos desse grupo, podemos definir como um dos valores do diminutivo o valor semântico de formar palavras novas que têm o

seu próprio referente. Esses casos de denominação, ou de rotulação, ficariam então no plano da semântica numa distinção entre as dimensões semânticas e pragmáticas.

Por outro lado, Basílio (2004, 70-71) cita formações nas quais a diminuição das dimensões do referente pode ser acompanhada de vários graus de expressividade, por exemplo: *livrinho, pedacinho, vidrinho, moedinha*. Essa função expressiva do diminutivo fica ainda mais evidente nos seguintes exemplos, nas quais a diminuição das dimensões deixa inteiramente de ser relevante: "*Será que você pode me dar uma mãozinha aqui?*"; "*Quem sabe, a gente pegava um cineminha mais tarde...*" Esses dois exemplos ilustram bem a função expressiva, de caráter discursivo, das formações diminutivas. No primeiro caso, a forma diminutiva é utilizada como um elemento de atenuação, no sentido de atenuar o que está sendo pedido. No segundo exemplo, o diminutivo é usado para expressar afetividade do falante sobre o objeto referido.

Esses são apenas alguns exemplos da função expressiva do diminutivo, mas, acreditamos que já a partir desses exemplos apresentados por Basílio em português, podemos delinear uma fronteira entre as ocorrências que possam ser analisadas no âmbito da semântica e no âmbito da pragmática: por um lado, o diminutivo tem a sua dimensão semântica, que se manifesta nos casos de diminuição concreta de tamanho e na sua função denotativa de formar palavras novas cujo referente não coincide com o referente da palavra-base. Por outro lado, o diminutivo apresenta uma dimensão pragmática que se manifesta nos casos apresentando funções expressivas de diminuição avaliativa.

Além de Basílio, podemos conceder a Alves (2006) o mérito de reconhecer a importância da dimensão pragmática do diminutivo em português. A autora não só distingue entre os planos semântico e pragmático na análise do diminutivo, como também observa uma correlação das bases possíveis para cada plano. Segundo Alves (2006, 697), podemos observar regularidades no comportamento das formações diminutivas em decorrência do tipo da base à qual o sufixo é acrescentado. Por exemplo, os casos do tipo *casa – casinha, peixe – peixinho, nova – novinha* apresentam noções semânticas "objetivas", tais como 'tamanho / quantidade / intensidade reduzidas', portanto, segundo Alves, propriedades inerentes a objetos e qualidades. Nesses casos, o sufixo *-inho* apresentaria o valor semântico de operador de intensificação de uma propriedade "inerente". O sufixo *-inho* operaria no nível da palavra e aceitaria como bases apenas nomes e adjetivos (2006, 698-699).

Em contraste com o sufixo *-inho* como operador no nível semântico, teríamos também o sufixo *-inho* operando no nível pragmático. Nos exemplos como *Joãozinho, meu benzinho; tudo – tudinho; cedo – cedinho; tchauzinho; obrigadinho; um minutinho*, as noções veiculadas são "*mais subjetivas e se referem a como objetos e qualidades são vistos e avaliados pelo falante, sendo frequentemente pautadas em valores sociais e culturais*" (Alves, 2006, 698). Nesses exemplos, a forma diminutiva pode expressar a subjetividade dos participantes em uma situação comunicativa de várias maneiras. Por exemplo: afetividade para um objeto ou uma qualidade enquanto pertinente a um referente na interação; avaliação positiva ou negativa; expressividade em diversos graus; mitigação, desprezo, crítica, ironia etc. do falante em relação à situação ou aos participantes. Em contraste às propriedades "inerentes" do primeiro grupo, essas propriedades são propriedades "atribuídas". Segundo Alves, nesses casos o sufixo *-inho* opera em um nível maior do que a palavra (no nível do "ato do discurso" na análise de Alves) e não apresenta restrições de categoria de base, estas podendo ser até enunciados. Nesses casos, a função do diminutivo seria de servir a estratégias comunicativas, no nível interpessoal.

A partir das proposições de Basílio (2004) e Alves (2006), poderíamos delinear a seguinte formulação para os valores do diminutivo que podem ser atribuídos à esfera da semântica numa divisão entre as duas dimensões: *grosso modo*, dois tipos de formações poderiam ser analisados no plano da semântica:

- 1) Casos nos quais o diminutivo serve claramente para denotar a redução de dimensões do referente.
 - a. Do ponto de vista das bases, teríamos nesse grupo, sobretudo, casos nos quais a palavra-base é um substantivo ou adjetivo denotando noções semânticas mais objetivas ou concretas. A redução operaria sobre as propriedades inerentes do conceito de base (tamanho, quantidade, intensidade).
- 2) Casos nos quais o diminutivo tem a função denominadora de formar palavras novas cujo referente é diferente do da palavra-base.

Dado que esses casos dão conta de apenas uma pequena parte dos possíveis valores e funções do diminutivo, podemos já prever que a esfera pragmática será mais complexa. A importância da dimensão pragmática do diminutivo fica evidente já na análise das ocorrências situadas no plano semântico. Como vimos, às vezes o diminutivo funciona de fato como redutor de dimensão, como pode acontecer, por exemplo, nos casos como *livrinho*, *casinha*: essas formações podem aparecer com o valor de simples diminuição do tamanho, e podem ser analisados no plano semântico. Entretanto, como foi observado por Basílio (2004, 70), essas mesmas palavras podem, em determinados contextos, adquirir um valor pejorativo ou apreciativo, fazendo com que a sua análise seja possível também no plano pragmático. Desta maneira, podemos observar que nem a base nominal apresentando uma noção semântica concreta garante a possibilidade de análise da formação no plano semântico².

Examinaremos, agora, com mais detalhes os fenômenos ligados à dimensão pragmática do diminutivo na língua portuguesa, observando exemplos do uso do diminutivo nos quais a importância dessa dimensão fica evidente. Basílio (2004, 71), no seu tratamento das funções expressivas do diminutivo, faz observações que podem ser alinhadas com as propostas de Delhay (1996) e Fradin (2003) para o diminutivo em francês. Basílio cita exemplos ilustrando o fato de o diminutivo poder, por um lado, ser usado para expressar afetividade do falante sobre o objeto referido, p.ex: *Cadê a minha cervejinha*? Por outro lado, a afetividade do falante pode estar dirigida ao interlocutor, marcando o discurso inteiro como afetivo, p.ex: *Filhinho, toma a sopinha, bebe a aguinha, deixa eu limpar a boquinha...* Basílio observa que os casos mais comuns desse tipo de função são a fala com crianças e o discurso amoroso. Dressler & Barbaresi (1994, 577), na sua análise sobre situações de fala favoráveis ao uso do diminutivo, observam que são justamente as situações envolvendo crianças ou animais de estimação ou os contextos das relações amorosas que mais favorecem o uso dessas formações.

A observação de Basílio sobre o funcionamento do diminutivo em diferentes relações é corroborada por Rocha (2003). Na sua análise dos sufixos avaliativos em português, Rocha (2003, 223) observa que os sufixos avaliativos são de tríplice natureza: podem ser subjetivos, valorativos e dimensionais. Segundo Rocha, o diminutivo expressa a **subjetividade** do falante (carinho, amor, educação) nos casos como os seguintes³: *Dá um adeusinho para o seu pai!* ; *Podem me dar uma licencinha*?

Por outro lado, o diminutivo pode manifestar um **juízo de valor** em relação a um referente, p.ex: *Este é o timinho do meu coração!*; *Este timinho viajou de ônibus!* No primeiro exemplo, temos um juízo positivo do referente, no segundo, o juízo é negativo.

Por fim, o valor **dimensional** se manifesta em exemplos como o seguinte: *Ele mora naquela casinha da esquina.*

Na abordagem de Rocha, teríamos, então, uma divisão entre os valores semânticos e pragmáticos correspondendo à divisão entre os sufixos dimensionais, por um lado, e valorativos e subjetivos, por outro. Para Rocha (2003, 224), a denominação de "sufixo avaliativo" deve ser adotada para os sufixos diminutivos (e aumentativos), dado que estes expressam necessariamente afetividade, e, apenas em alguns casos, aumento ou diminuição de tamanho.

Além de Basílio (2004) e Rocha (2003), Alves (2006) também reconhece essa característica do diminutivo operar em vários tipos de relações. Alves distingue, por um lado, a avaliação do falante frente à entidade referida. Essa avaliação se manifesta na visão subjetiva de tamanho/intensidade/valor do referente ou na afetividade ou desprezo para um indivíduo ou um objeto. Por outro lado, há a avaliação do falante frente à situação comunicativa e seus participantes. Essa avaliação se vincula estreitamente ao contexto e se manifesta como estratégia comunicativa, por exemplo, como mitigação, ironia, polidez, crítica etc.

4. Breves conclusões sobre o tratamento do significado do diminutivo em português

Apesar da dificuldade de definição e descrição das dimensões semânticas e pragmáticas do diminutivo, pelo menos um fato deve ter ficado claro a partir do que foi apresentado até agora: a dimensão semântica é bastante reduzida se comparada com a complexidade da dimensão pragmática do diminutivo.

A restrição da dimensão semântica fica ainda mais evidente se observamos por mais de perto as ocorrências atribuídas a esse plano na nossa análise, ou seja, casos como *casinha* no sentido de 'pequena casa'. Vários autores afirmam que quando desejamos expressar noções de pequenez propriamente ditas, construções analíticas são preferidas em português. Por exemplo, Cunha & Cintra (2001, 198) observam que, em vez de aumentativos e diminutivos sintéticos, as noções de aumento ou diminuição de um ser são expressas em geral pelas formas analíticas, especialmente pelos adjetivos *grande* e *pequeno*. Igualmente, para Rocha (2003, 222), a noção de diminuição de tamanho é relativamente rara em formações de diminutivo sintético. Citando Alonso (1967, 163), Rocha reconhece que, quando o sentido é realmente de diminuição, a pequenez é transmitida por outros recursos (na maioria das vezes, analíticos). Dressler & Barbaresi (1994, 126) observam que o mesmo acontece no italiano: para expressar tamanho pequeno (denotação) sem nenhuma conotação semântica ou pragmática, construções analíticas são preferidas. Observa-se que a preferência pelas construções analíticas na expressão dos valores puramente dimensionais aplica-se não apenas às bases referindo a medidas, etc. (as quais não aceitam alteração diminutiva), mas também às bases que aceitam diminuição em quantidade ou qualidade.

Dada a preferência pelas formações analíticas no caso de diminuição de tamanho, a possibilidade do tratamento das formações diminutivas no plano puramente semântico fica cada vez mais problemática. Vale observar, também, que muitos tratamentos sobre o diminutivo excluem os casos do tipo *tesourinha* e *salgadinho* da análise, sob a alegação de tratar-se de formações lexicalizadas. Observe, por exemplo, Cunha & Cintra (2001):



“Muitas formas originariamente aumentativas e diminutivas adquiriram, com o correr do tempo, significados especiais, por vezes dissociados do sentido da palavra derivante. Nestes casos, não se pode mais, a rigor, falar em aumentativo ou diminutivo. São, na verdade, palavras em sua acepção normal.”
Cunha & Cintra (2001, 199):

Cunha & Cintra citam formações como *portão* e *folhinha*, que não podem ser considerados como fazendo parte das categorias ‘aumentativa’ e ‘diminutiva’, respectivamente. Nesse contexto, achamos interessante a abordagem de Basílio (2004): como vimos, a autora inclui os casos de denominação na sua análise sobre o diminutivo na língua portuguesa e trata esses casos como diminutivos legítimos, apresentando a função de denominação de entidades. De fato, esse processo de formação de palavras é um processo produtivo e a sua exclusão dos estudos sobre o diminutivo como um processo de formação de palavras não nos parece justificada.

5. Considerações finais

Como já foi observado, apesar de estarmos perfeitamente conscientes da dificuldade da questão, defendemos, para os fins descritivos do diminutivo na língua portuguesa, a adoção de uma distinção entre os planos da semântica e da pragmática. Para a reflexão sobre essa distinção, a abordagem de Dressler & Barbaresi (1994) nos parece muito bem-vinda. Os autores consideram o nível de morfopragmática uma abstração teórica necessária, dado que os usos pragmáticos variados que o diminutivo apresenta não podem ser derivados dos traços semânticos do diminutivo. Isto, entre outros motivos, porque estes dizem respeito apenas à palavra na qual o sufixo diminutivo é acrescentado, enquanto os traços pragmáticos dizem respeito ao ato de fala como um todo. O significado pragmático extrapola para toda a situação de fala: trata-se de uma modificação global da expressão em vez de uma modificação local da base (Dressler & Barbaresi, 1994, 87). Embora a maioria dos autores não o diga de maneira explícita, o termo “diminutivo avaliativo”, adotado por muitas abordagens em português, reflete justamente essa característica do diminutivo: a operação da regra de formação de diminutivos é avaliativa no sentido de transportar um juízo de valor da parte do locutor. E, como sabemos, a modificação, ou avaliação, veiculada pelo sufixo diminutivo, pode, eventualmente, se limitar apenas à palavra base do sufixo, mas, na maioria das ocasiões, extrapola para todo o ato de fala. Sendo assim, uma abordagem que não leva em consideração a abrangência maior de operação do sufixo *-inho* e a sua dimensão pragmática, não pode ser suficiente para descrever os fenômenos ligados à formação de diminutivos na língua portuguesa.

Quanto à relevância das propostas multipolares de Delhay (1996) e Fradin (2003), é interessante observar que tanto no caso da análise de Alves (2006), quanto nas análises de Basílio (2004) e de Rocha (2003), podemos assinalar semelhanças com as propostas de modelos para a língua francesa. Na análise de Alves, a visão subjetiva do falante frente à entidade referida corresponde ao pólo Locutor de Fradin, e a avaliação do falante frente aos participantes da situação comunicativa ao pólo interlocutor. Os casos da diminuição concreta do tipo *casa – casinha* corresponderiam ao pólo referente. No modelo de Delhay, os dois primeiros casos seriam analisados em termos do pólo enunciativo, e a última do pólo diminutivo. Basílio, por sua vez, observou também o valor dimensional do diminutivo (“*Eram duas caixas, com vinte ovinhos de chocolate cada*”), a

possibilidade de o diminutivo expressar afetividade do falante sobre o objeto referente (“*Cadê a minha cervejinha?*”), e, por fim, a possibilidade de o diminutivo operar sobre a relação entre o falante e o interlocutor (“*Filhinho, toma a sopinha, bebe a aguinha, deixa eu limpar a boquinha...*”). No primeiro caso, podemos observar correspondência com o pólo referente de Fradin. No caso de afetividade do falante sobre o objeto referente, o diminutivo corresponderia ao pólo locutor, e, no último caso, ao pólo interlocutor. Já em termos da proposta de Delhay, o primeiro caso poderia ser atribuído ao pólo diminutivo e os dois últimos ao pólo enunciativo. Por último, Rocha fez a distinção entre as dimensões subjetiva, valorativa e dimensional do diminutivo em português, estas podendo ser alinhadas, *grosso modo*, com os pólos interlocutor, locutor e referente de Fradin, respectivamente. Em termos da análise de Delhay, as duas primeiras dimensões de Rocha seriam atribuídas ao pólo enunciativo e a última ao pólo diminutivo.

A partir das observações teóricas e exemplos do uso do diminutivo no português atual, apresentados por Basílio (2004), Rocha (2003) e Alves (2006), fica evidente que a categoria ‘diminutivo’ na língua portuguesa apresenta uma complexidade semântica e pragmática de grau consideravelmente elevado. Dada a operação desse processo de formação de palavras nos vários tipos de relações dentro de uma situação de fala, a sua descrição em um modelo multipolar na linha de Delhay (1996) e Fradin (2003) poderia ser uma tentativa interessante para dar conta de maneira motivada da variedade e do entrecruzamento das funções que o diminutivo pode apresentar. O que deve ter ficado bastante claro até agora, é o fato de que o tipo de descrição que encontramos nas gramáticas e nas abordagens tradicionais não corresponde à complexidade que a categoria ‘diminutivo’ apresenta na língua portuguesa nem reflete a competência comunicativa dos falantes de português. Os falantes usam essas formações com frequência e facilidade em mais variadas situações, o que revela um potencial muito maior de significação desse processo do que seria esperado a partir das definições reducionistas encontradas nas gramáticas e repetidas na literatura sobre o diminutivo de forma geral. Acreditamos que através de um estudo do processo de formação de diminutivos sem o peso e as restrições ditadas pela tradição pode-se chegar a uma descrição mais representativa sobre o diminutivo na língua portuguesa.



Notas

1. Os exemplos são de Basílio (2004, 70-71).
2. Na verdade, isso pode acontecer com todos os lexemas, e não é uma característica do diminutivo (supostamente) denotativo. No entanto, essa observação serve para alertar sobre as limitações de uma análise em termos puramente semânticos do diminutivo.
3. Os exemplos são de Rocha (2003, 223-224)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALONSO, A. "Noción, emoción, acción y fantasía en los diminutivos". *Estudios lingüísticos; temas españoles*. Madrid: Gredos, 1967.

ALVES, E. "O diminutivo no português do Brasil: funcionalidade e tipologia". *Estudos Lingüísticos*, v. XXXV, p. 694-701, 2006.

BASÍLIO, M.M.P. *Formação e Classes de Palavras no Português do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004.

BAZZANELLA, CAFFI e SBISÀ: "Scalar dimensions of illocutionary force", In: Igor Z. Zagar (ed.) *Speech acts. Fiction or reality?* Ljubljana, IPRA distribution Center for Jugoslavia, 63-76, 1991.

CUNHA, C. & CINTRA, L.F.L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

DELHAY, C. *Il était un "petit X". Pour une approche nouvelle de la catégorisation dite diminutive*. Paris: Larousse (Collection Sciences du Langage), 1996.

DRESSLER, W.U. & BARBARESI, L.M. *Morphopragmatics: Diminutives and Intensifiers in Italian, German, and Other Languages*. (Trends in Linguistics: Studies and Monographs 76). New York: Mouton de Gruyter, 1994.

FRADIN, B. "Le traitement de la suffixation en -ET". *Langages* 152: 51-77, 2003.

JURAFSKY, D. "Universal tendencies in the semantics of the diminutive". *Language* 72:533-578, 1996.

LAKOFF, G. *Women, Fire and Dangerous Things*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

ROCHA, L.C.A. *Estruturas Morfológicas do Português*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

ROSCH, E. "Principles of Categorization". In: *Cognition and Categorization*. Rosch E. & B. Lloyd (eds). 27-48. Hillsdale: Laurence Erlbaum Ass, 1978.

TEYSSIER, P. *Manual de Língua Portuguesa*. Coimbra: Coimbra Editora, 1989.